



# A Santa Sé

---

CARTA APOSTÓLICA  
**SANCTORUM ALTRIX**  
DO SUMO PONTÍFICE  
**JOÃO PAULO II**  
NO XV CENTENÁRIO  
DO NASCIMENTO DE SÃO BENTO  
PATRONO DA EUROPA,  
MENSAGEIRO DA PAZ

*Aos dilectos filhos*

*Vitor Dammertz, Abade Primaz da Ordem de S. Bento;*

*Tiago Del Rio, Maior da Congregação dos Eremitas Camaldolenses do Monte Corona;*

*Paulo Anania, Abade-Geral da Congregação Mequitarista de Veneza;*

*Sigardo Kleiner, Abade-Geral da Ordem Cisterciense;*

*Ambrósio Southey, Abade-Geral da Ordem dos Cistercienses Reformados (Trapistas):  
no XV centenário de S. Bento, Abade.*

*Dilectos filhos*

*saúde e Bênção apostólica*

Geradora de santos, a Igreja mãe apresenta aos seus filhos, como mestres de vida, aqueles que, por esplêndido exercício de virtudes, seguiram fielmente a Cristo, seu Esposo. Pretende que eles, seguindo-lhes as pegadas, possam chegar à perfeita união com Deus, apesar das variadas distrações do mundo, e possam atingir deste modo o próprio fim. São aqueles homens e aquelas mulheres excelentes que, embora submetidos durante a vida terrena aos especiais condicionalismos do próprio tempo — culturais especialmente — fizeram todavia resplandecer com o modo de viver e a doutrina um aspecto particular do mistério de Cristo, aspecto que, ultrapassando os limites apertados do tempo, ainda hoje conserva a sua força e o seu vigor.

Por isso, celebrando-se agora o XV aniversário do nascimento de S. Bento, apresenta-se a

ocasião de escutar de novo a sua mensagem espiritual e social.

## I

Em qualquer religião sempre houve quem, "esperando resposta para os enigmas da condição humana" [1], fosse atraído de maneira singular para o Absoluto e para o Eterno. Entre estes, no que diz respeito ao Cristianismo, sobressaem os monges, que já nos séculos III e IV, tinham instituído, nalgumas zonas do Oriente, uma própria forma de vida, tendente a realizar, por inspiração divina e a exemplo de Cristo "orando sobre o monte" [2], ou uma vida solitária e segregada, ou a dar-se ao serviço de Deus na convivência da caridade fraterna.

Do Oriente, por conseguinte, penetrou a disciplina monástica em toda a Igreja e alimentou o salutar propósito de outros que, mantendo as normas da vida religiosa, imitavam o Salvador, "que anunciava às multidões o reino de Deus e trazia os pecadores à conversão" [3].

Quando, devido a este espiritual fermento, a Igreja se tinha já desenvolvido, mas simultaneamente se arruinava a cultura, e o mundo romano envelhecia — pouco antes, de facto, tinha caído o império ocidental —, pelo ano de 480 nascia em Núrsia S. Bento.

"Bendito pela graça e pelo nome, desde o tempo da infância tendo um coração de homem idoso" e "desejando agradar só a Deus" [4], pôs-se à escuta do Senhor, que procurava, o Seu operário [5], e vencendo as hesitações do espírito, nascidas no princípio, percorreu caminhos "duros e ásperos" [6], isto é, enveredou "pelo caminho estreito que conduz à vida" [7].

Levando vida solitária nalguns lugares e purificando-se com a prova da tentação, conseguiu que o seu coração ficasse aberto só para Deus; movido unicamente pelo Seu amor, reuniu outros homens, com quem, como pai, entrou "na escola do serviço do Senhor" [8]. E assim, unindo ao sentimento do próprio dever a prática esclarecida "dos instrumentos das boas obras" [9], ele e os seus companheiros constituíram uma cidadezinha cristã, "onde finalmente — como disse Paulo VI, Predecessor nosso de recente memória — reinassem o amor, a obediência, a inocência, o ânimo desapegado das coisas do mundo e a arte de usar delas rectamente, o primado do espírito, a paz — numa palavra, o Evangelho" [10].

Praticando assim o que havia de bom na tradição eclesial do Oriente e do Ocidente, o Santo de Núrsia chegou a considerar globalmente o homem, cuja dignidade, como pessoa, inculcou como sem igual.

Quando morreu no ano de 547, já estavam lançados sólidos fundamentos para a disciplina monástica, que, particularmente depois dos sinodos da idade carolingia, se tornou o monaquismo ocidental. Este, por meio das abadias e outras casas beneditinas, difundidas por toda a parte, constituiu a união primitiva e originária da nova Europa: dizemos da Europa, a cujas "gentes, que

vivem desde o Mar Mediterrâneo até à Escandinávia, da Irlanda até aos territórios abertos da Polónia, os filhos deste Santo — com a cruz, com o livro e com o arado — levaram a civilização cristã" [11].

## II

Temos hoje o propósito de chamar a vossa atenção para três coisas fundamentais na vida beneditina: a oração, o trabalho e o exercício paterno da autoridade. Estas três coisas apraz-Nos abraçá-las numa mais ampla perspectiva teológica e humanista — como derivantes da vida e do magistério de Bento, sobretudo da sua Regra —, a fim de poderem considerar-se mais profundamente.

Esta lei de vida é sem dúvida, segundo as palavras deste Santo, "uma Regra mínima de iniciação", mas mais propriamente um compêndio, coerente e abundante, do Evangelho posto em prática com um género de vida não comum. De facto, observando o homem e a sua sorte associada à Redenção, ele propõe alguns capítulos de doutrina, mas especialmente uma forma de vida. E embora tal método seja reservado aos monges — e, para mais, aos monges do século VI —, todavia nele estão contidos e dele tomam brilho os preceitos que dizem também respeito ao nosso tempo e são úteis a todos quantos renasceram no baptismo e são adultos na fé; a todos quantos pela inércia da desobediência se afastaram de Deus e agora pela obediência da fé, nem sempre com facilidade, se esforçam por voltar a Ele [12].

A vida beneditina na Igreja aparece, a maior parte das vezes, como busca plena de Deus, da qual é necessário que de algum modo se distinga o decurso da vida de todo o cristão que tende às "alturas da doutrina e das virtudes" [13], até chegar à pátria celeste. Caminho que S. Bento com ânimo solícito e comovido percorre e respeita, mostrando os não poucos impedimentos que o tornam difícil, e os perigos que parecem fechá-lo e tornar vão todos os esforços; por conseguinte, o homem é escravo das paixões desenfreadas que o levam, ora a inchar-se com vã presunção e soberba, ora a atemorizar-se com o pavor que enfraquece as forças [14].

Mas este "caminho de vida" [15] pode ser percorrido unicamente sob determinadas condições: na medida em que é amado Cristo sem restrição e é conservada a genuína humildade. Então o cristão, consciente da sua enfermidade e indigência, entra, pela graça de Deus, na vida espiritual; liberta-se das coisas perigosas que o entorpecem, contempla mais claramente a sua natureza autêntica como pessoa e, nas profundidades mais íntimas da alma, descobre Deus presente. Portanto o amor e a humildade unem-se, movendo o homem a que desça, para depois subir mais alto. A nossa vida, de facto, é uma escada, "que pelo coração humilhado o Senhor eleve ao céu" [16].

O modo exterior da vida monástica poderia contudo criar a opinião de a vida beneditina garantir só a utilidade própria do monge que a professa e, por outro lado, de ela facilmente gerar a

negligência quanta aos outros; portanto de alhear o espírito da convivência social e dos verdadeiros cuidados a respeito do próximo. Infelizmente a vida, que é vivida dentro das paredes do mosteiro na solidão e no silêncio, é considerada desse modo até por alguns que pertencem à comunidade eclesial.

Pelo contrário, quando o monge recolhe o seu espírito, ou, como disse S. Gregório referindo-se a S. Bento de Núrsia, habita consigo mesmo, e se considera a si diligentemente através da purificação da ascese penitencial, precisamente por isto acontece libertar-se da vontade própria. Mas esta intenção da mente, que uma pessoa dirige para si mesma, é só condição, de todo necessária, para o seu ânimo, com desejo mais verdadeiro, de se abrir para Deus e para os irmãos. Por esta força impulsiva da convivência beneditina acontece que os monges vivam em comunidade e esta se torne sede de hospitalidade.

São Bento percorre este caminho principal, pelo qual dentro dos limites da família monástica se vai para Deus. Mas a vida comum do mosteiro — segundo o seu parecer, lugar singular, em que se dilatam os corações dos habitantes obedientes mas entre si independentes — é movida e incitada por intenso amor do próximo, por meio do qual cada um é levado, esquecendo a própria comodidade, a servir a utilidade do irmão.

O homem, quando se esforça diariamente por que a exigência, que nunca deve ser abandonada, do espírito recolhido e modesto, como também a participação na vida, também esta não sujeita a abandono, sejam em pé de igualdade equilibradas, revigora-se por aquela faculdade em virtude da qual ele é uma pessoa autêntica, tendo relações com os outros, de maneira especial com Deus, que é totalmente diverso.

Deste modo, porém, de avaliar os homens e as coisas sociais, que é próprio de S. Bento e de toda a tradição que dele provém, as relações não são circunscritas só à comunidade monástica. A clausura separa verdadeiramente o homem e o século, e deve constituir, contra toda a dissipação fátua, uma espécie de barreira que não é lícito ultrapassar; mas esta não divide e não separa do amor. Pelo contrário, este limite quase abre o espaço, necessário para uma mais ampla liberdade, onde o monge — e em certo modo todo o homem, preocupado com a sua "pequena clausura" — viva e cresça no amor; onde abra o seu coração aos irmãos, que desejam participar de todas aquelas coisas que ele experimenta na sua união com Deus, e onde felizmente acontece que, como disse sagazmente [Paulo VI](#), a sua sede "seja sempre mais frequentada como casa de paz e de oração, onde os homens se encontrem a si mesmos e Deus dentro deles" [17]; por outras palavras, para que lá se constitua "a escola do serviço do Senhor", isto é "a escola... de virtude e da contemplação que nasce abundantemente das claras e sólidas explicações do Evangelho, da doutrina tradicional e do magistério da Igreja" [18]; ele, quer dizer o monge, estabelece uma relação com todos e cada um, ultrapassando com a oração todo o confin de espaço e termo de tempo. Por todas estas condições, o monge de S. Bento torna-se irmão universal, evangelizador, mensageiro de paz e de amor.

No tempo de S. Bento a comunidade eclesial e a sociedade humana mostravam muitas semelhanças com as condições da vida humana que existem hoje. As perturbações do Estado e a incerteza do futuro, estando iminente a guerra ou tendo já rebentado, originavam males que aterravam os ânimos. Por isto aconteceu que a vida foi julgada desprovida de todo o significado certo e definido.

Dentro da Igreja acalmara-se finalmente a prolongada luta, com que se investigavam apaixonadamente os mistérios de Deus, sobretudo a imperscrutável verdade da divindade do Filho e da Sua autêntica humanidade. Todas estas matérias ressoavam como eco nas palavras, dignas de eterna memória, de Leão Magno, sucessor de S. Pedro e bispo de Roma.

S. Bento, reconhecendo este estado de coisas, pediu a Deus e à tradição viva da Igreja a luz e o caminho que devia seguir. A determinação por ele tomada pode considerar-se como paradigma do dever cristão nas várias alternativas desta peregrinação terrena, embora não existisse um método de vida certo e definido.

Jesus Cristo é o centro vital, absolutamente necessário, a que todas as coisas devem referir-se, para que a estas possa ser dado sentido e elas possam harmonizar-se solidamente. Apelando para a afirmação de S. Cipriano, Bispo de Cartago, Bento afirma com energia e gravidade que absolutamente "nada pode ser anteposto ao amor de Cristo" [19].

Nos homens, porém, e nas coisas, há força e importância na medida em que tudo está ligado com Cristo; portanto a esta luz tudo deve ser considerado e estimado. Todos os que estão no mosteiro — do superior (que é o pai, o abade) até ao hóspede desconhecido e pobre, do doente ao último dos irmãos — significam a presença viva de Cristo. Também as coisas são sinais do amor de Deus para com as criaturas, ou do amor com que o homem é levado para Deus, e até mesmo um instrumento e uma ferramenta para se fazer um trabalho "sejam considerados como vasos sagrados do altar" [20].

S. Bento não propõe alguma vazia consideração teológica, mas partindo da verdade das coisas, segundo o uso, inculca nas almas um modo de pensar e de agir, segundo o qual a teologia é transferida para a prática da vida. Não tem tanto a peito falar das verdades sobre Cristo quanto, partindo do mistério de Cristo e do "Cristocentrismo" dele derivado, viver uma vida bem autêntica.

É necessário que o primeiro lugar, que é atribuído ao modo sobrenatural de sentir as vicissitudes quotidianas, concorde com a verdade da Encarnação: porque, ao homem fiel a Deus, não é lícito esquecer-se do que é humano, deve ser fiel também ao homem. Por isso, o dever para cumprir, de modo vertical como dizem, que se manifesta sobretudo na vida de oração, está devidamente equilibrado se se harmoniza devidamente com o que requer o modo "horizontal", de que a parte mais importante é o trabalho.

Na convivência monástica, portanto, sob a guia daquele que "se crê fazer as vezes de Cristo" [21], S. Bento mostra o caminho que há-de percorrer-se, o qual se distingue por grande uniformidade. Este caminho, que está entre a solidão e a convivência, entre a oração e o trabalho, é necessário que também o leigo do nosso tempo o percorra — ainda que sejam diversos os pesos para atribuir a estas coisas — a fim de poder realizar perfeitamente a sua vocação.

#### IV

O amor verdadeiro e absoluto a Cristo manifesta-se de modo significativo na oração; que é por assim dizer o eixo à volta do qual rodam a convivência quotidiana e toda a vida beneditina.

Mas o fundamento da oração, em conformidade com uma sentença de S. Bento, está em que alguém ouça a palavra; porque o Verbo encarnado — aqui, hoje, a cada homem na condição presente que não se repete — fala através das Escrituras e do ministério eclesial; coisa que no mosteiro se realiza também por meio das palavras do pai e dos irmãos da comunidade.

Em tal obediência de fé, a palavra de Deus é recebida com humildade e alegria, derivando esta de se reconhecer uma perene novidade, que o tempo não diminui, pelo contrário torna mais viva e de dia para dia mais atraente. E esta palavra torna-se fonte inexausta de oração, porque "o próprio Deus fala à alma, sugerindo-lhe as respostas, que o Seu coração espera. Esta oração é dividida pelos vários períodos do dia e, como veia de água subterrânea, alimenta o trabalho quotidiano" [22].

E pela meditação tranquila e saborosa — que é verdadeira ruminação espiritual — a palavra de Deus excita nas almas dadas à oração aqueles agudos raios de luz, que iluminam o decurso do dia inteiro. Na verdade, esta é a "oração do coração", aquela "breve e pura oração" [23], por meio da qual aos divinos impulsos respondemos, e ao mesmo tempo pedimos ao Senhor que nos conceda o inexaurível dom da sua misericórdia.

Portanto a palavra de Deus, que encerra o profundo mistério da salvação, todos os dias é ouvida amorosamente pela alma e é meditada com solicitude; isto faz-se por certo empenho vital, que se explicita não por ciência humana mas pela sabedoria, que traz em si alguma coisa de divino; isto é, não para que saibamos mais, mas para que, se é lícito assim falar, para que sejamos mais: para falarmos com Deus, para a Ele dirigirmos a Sua mesma palavra, para pensarmos o que Ele pensa, numa palavra, para vivermos a Sua mesma vida.

O fiel, ouvindo a palavra de Deus, é levado a entender o curso das coisas múltiplas e várias como também dos tempos, que o Senhor providente decidiu acontecessem na família humana, de maneira que à alma crente fosse apresentado mais amplo espectáculo da munificência salvífica. Por isso do mesmo modo acontece que as maravilhas de Deus sejam captadas pela fé de olhos

abertos e com os ouvidos atentos [24]. A luz deífica da contemplação acende a centelha e quer o silêncio, junto à admiração; e o cântico de exultação e a pronta acção de graças dão àquela oração índole particular, mediante a qual os monges celebram cantando os louvores do Senhor cada dia. Então a oração torna-se quase a voz da criação inteira e toma o lugar do excelso canto da Jerusalém celeste. A palavra de Deus nesta peregrinação terrena faz que toda a vida seja sentida como aberta a Deus que olha, e na oração ao Pai vem a ser dada voz àqueles que agora já não a têm: as alegrias e as ansiedades, os êxitos favoráveis e as esperanças desiludidas, e as expectativas de acontecimento propício ressoam nela de algum modo.

S. Bento é principalmente levado por esta palavra de Deus na sagrada liturgia, não procurando contudo que se torne a comunidade somente uma reunião para celebrar os mistérios divinos com ardor, mas que declare harmoniosamente a comum experiência recebida no Espírito com o canto coral; de facto, tem muito a peito que as disposições íntimas correspondam à palavra de Deus pronunciada e cantada: "a mente esteja de acordo com a palavra" [25]. A Sagrada Escritura, conhecida e apreciada deste modo vital, é lida com gosto, quando ao mesmo tempo há aplicação intensa à oração. Por impulso de amor, a alma recolhe-se muitas vezes diante de Deus; nada é preferido à Obra de Deus [26]; a oração, feita na liturgia, transfere-se para a vida, e a vida mesma torna-se oração. A oração, logo que termina a liturgia, levada como de círculos pequenos a outros maiores, amplifica-se e propaga-se no estado de alma recolhido e silencioso, e por isso acontece que alguém de modo especial ore consigo mesmo e que o hábito da oração penetre as acções e os momentos do dia.

S. Bento, amante da palavra de Deus, lê-a não só na Bíblia sagrada mas também no grande livro que é a natureza. O homem, contemplando a beleza da criatura, comove-se nos recessos mais íntimos do espírito, e é levado a recordar Aquele que é sua fonte e origem; ao mesmo tempo é levado a comportar-se com reverência para com a natureza, a pôr-lhe em evidência a beleza, respeitando-lhe a verdade.

"Onde sopra o silêncio, fala a oração" [27]: na solidão, de facto, a oração aumenta por certa riqueza pessoal; o que deve referir-se não só ao vale inculto do Aniene, onde S. Bento na solidão falava a sós com Deus, mas também à cidade repleta de progressos técnicos mas distractiva para os espíritos, onde o homem da nossa época se vê muitas vezes segregado e entregue a si mesmo. Mas é necessário que a alma se exercite nalgum deserto, a fim de poder levar vida autenticamente espiritual; porque ele previne contra as palavras vazias e torna mais fácil o trato que é necessário ter com Deus, com os homens e com as coisas. No silêncio do deserto, os motivos que se interpõem entre uns e outros, ficam reduzidos àquilo que é principal e primário, acrescentando-se-lhe certa austeridade, enquanto se purifica o coração, enquanto se descobre de novo o hábito da oração quotidiana, que do íntimo do coração se eleva a Deus. Oração que verdadeiramente não é feita com Ele na abundância das palavras mas na pureza do coração inflamado e na compunção das lágrimas [28].



## V

A face do homem é muitas vezes regada de lágrimas que, não provindo sempre da sincera compunção ou da alegria excessiva, brotam e chegam a levar a alma a orar; muitas vezes, de facto, as lágrimas são derramadas por causa da dor e da perturbação daqueles cuja dignidade humana é desprezada, pois não conseguem obter aquilo que justamente ambicionam nem levar a termo uma obra adequada às próprias necessidades e à própria inteligência.

Também S. Bento vivia numa sociedade civil deformada por injustiças, valendo pouco muitas vezes a pessoa e sendo considerada como coisa: segundo essa organização social, estruturada em várias obras, os miseráveis e os segregados eram tidos no número dos escravos; os pobres tornavam-se mais necessitados; e os ricos cada vez mais ricos. Todavia, aquele homem insigne desejou a comunidade monástica estruturada segundo as prescrições do Evangelho. Restitui o homem à sua integridade, qualquer que fosse a ordem social de que viesse; provê às necessidades particulares segundo as normas da justiça distributiva; marca a cada um ofícios que se completam e entre si se dispõem com nexos apropriados; toma cuidado da enfermidade dos outros, não deixando porém lugar às tentações da preguiça: concede, pelo contrário, facilidades à diligente acção dos mais dotados, para que não se sintam restringidos, mas antes estimulados a exercitarem as suas melhores forças. Assim tira o pretexto mesmo à leve e às vezes justa murmuração, estabelecendo as condições da verdadeira paz.

O homem para S. Bento não é máquina sem nome, da qual uma pessoa se pode servir com a intenção de tirar dela o maior proveito, mas recusando qualquer aprovação moral ao operário e negando-lhe a justa paga. Deve notar-se que nesse tempo o trabalho costumava ser feito por escravos, que não eram tidos como homens. Mas S. Bento considera o trabalho, quaisquer que sejam os motivos que levem a fazê-lo, como parte essencial da vida, e obriga a ele cada monge para que ao mesmo se aplique por dever de consciência. Este trabalho deve ser tomado como "causa de obediência e de expiação" [29], embora com o esforço verdadeiramente eficaz se juntem a dor e o suor. Esta fadiga alcança porém força redentora purificando o homem do pecado e, além disso, nobilitando quer as coisas que são tratadas com diligência, quer o próprio meio dentro do qual se exerce a actividade.

S. Bento, passando a vida terrena, na qual o trabalho e a oração se harmonizam convenientemente, e inserindo deste modo com felicidade o trabalho na mesma vida que deve ser considerada à luz sobrenatural, ajuda o homem a reconhecer-se cooperador de Deus e a tal se tornar, ao mesmo tempo que a sua pessoa, apoiando-se em certa actividade criadora, é promovida na totalidade. Até a acção humana se torna contemplativa, e a contemplação adquire certo valor dinâmico, tendo a sua importância para a mesma obra e a esta esclarecendo as finalidades propostas.

Não se faz isto, só para evitar a ociosidade, que embota os espíritos, mas também e



especialmente para que o homem idóneo, como pessoa recordada dos seus deveres e diligente, se desenvolva com as várias actividades, a fim de que no íntimo da sua alma se venham a descobrir forças, talvez ainda ocultas, que possam dar frutos para o bem comum, "para que em tudo seja Deus glorificado" [30].

O trabalho, portanto, longe de se ver aligeirado com a áspera luta, recebe novo impulso interior. Na verdade, o monge, não apesar de fazer um trabalho, mas precisamente porque o faz, une-se a Deus, porque, "enquanto trabalha com as mãos ou com a mente, ergue-se continuamente para Cristo" [31].

Assim acontece que o trabalho embora vil e insignificante, enriquecido todavia com certa dignidade — seja empreendido e se torne parte vital "daquele sumo desejo, mediante o qual só Deus é buscado, na solidão e no silêncio, para à vida mesma ser atribuída força de oração perene, de sacrifício de louvor, ao mesmo tempo celebrado e consumado, sob a inspiração de uma alegre e fraterna caridade" [32].

A Europa fez-se cristã, porque especialmente os filhos de S. Bento comunicaram aos nossos antepassados uma instrução que abraçava tudo, ensinando-lhes não só as artes e as obras materiais, mas também, especialmente, por terem infundido neles o espírito evangélico, necessário para proteger os tesouros espirituais da pessoa humana. O paganismo, que naquele tempo foi trazido ao Evangelho por numerosos esquadrões de monges missionários, e hoje se propaga cada vez mais no Ocidente, já é causa e efeito daquela perdida maneira de considerar o trabalho e a sua dignidade.

Se Cristo não dá à acção humana alto e perpétuo significado, aquele que trabalha torna-se escravo — precisamente nos nossos tempos do insano esforço que só procura o ganho. Ao contrário, S. Bento afirma a necessidade urgente de manifestar a índole espiritual do trabalho, alargando os limites da operosidade humana, de modo que esta saia daquele intenso exercício das artes técnicas e da busca excessiva da utilidade própria.

## VI

Na sociedade, qual existe nos nossos tempos, e aqui e ali tomou o carácter de "sociedade sem pais", o Santo de Núrsia ajuda a reencontrar aquela primária dimensão — talvez demasiado esquecida pelas autoridades — a que chamamos dimensão paterna.

S. Bento faz entre os seus monges as vezes de Cristo, e estes obedecem-lhe como ao Senhor com sentimentos que o mesmo Salvador tinha para com o Seu Pai. A esta obediência-audição, própria de filhos, que deste modo ajudam a pintar a figura do pai, corresponde a mente decidida, que S. Bento deseja transmitir a todos os monges, considerando as pessoas em geral. Esta atenção permite-lhe tratar mais diligentemente de todas as necessidades da comunidade.

Quem exerce a autoridade, ainda que não omitindo as coisas que dizem respeito à estruturação da vida monástica e às coisas materiais, é necessário que tenha a solicitude da condição espiritual de cada pessoa, porque esta deve ser muito preferida ao que é terreno e transitório.

Na consideração destas coisas, que na vida humana são espirituais e fundamentais, o abade é iluminado pelo colóquio que tem assiduamente com a palavra de Deus. A esta palavra de Deus tanto se conforma o pai, que a sua acção se torna quase um fermento de justiça divina a actuar na mente dos filhos.

Nas deliberações que hajam de tomar-se dentro da comunidade, S. Bento concede plena autoridade ao abade; a sua deliberação não pode ser impugnada. Isto não vem todavia de a autoridade ser julgada dominação imperiosa: o pai toma conselho com todos os irmãos e com alguns em particular, sem qualquer preconceito, estando ele persuadido que também nas coisas de grande importância "muitas vezes o Senhor revela ao mais novo o que é melhor" [33].

No colóquio fraterno, o abade ouve as propostas daqueles que interroga sobre a atribuição de um ofício determinado, mas, para bem do particular ou da comunidade, há-de ser forte no mandar coisas que às vezes podem parecer impossíveis; deverá ter muito a peito a promoção dos particulares, a fim de que progridam e toda a comunidade aumente e cresça.

O fim primário, em vista no pai da comunidade, deverá ser ajudar e governar as almas atentamente, de maneira que se veja com clareza que o primado é atribuído ao amor. O verdadeiro pai "exalte a misericórdia acima do juízo" [34], e procure mais ser amado que temido, sabendo convir mais ser útil do que mandar [35].

Recordando-se que deverá prestar contas de todos os que lhe estão entregues, o abade ama os irmãos; com eles e por eles desempenhando o cargo de bom pastor, faz o que julga ser mais útil para o bem de todos, mais convir e ser mais salutar. "O abade deve ter, pois, grande solicitude e correr com todo o discernimento e empenho, para não deixar perder nenhuma das ovelhas a si confiadas... Imita ainda o piedoso exemplo do bom Pastor que, deixando 99 ovelhas no monte, vai procurar uma que se tresmalhara, tomando dela tanta compaixão que se digna recebê-la sobre os sagrados ombros e assim reconduzi-la ao rebanho" [36]. O pai da comunidade, que há-de governar as almas, saiba que neste ministério pastoral deve fomentar os bons costumes de muitos [37]; conforme-se e adapte-se a cada um, para dar ajuda certa e concreta de que precisa; seja paciente com todos, não tolerando porém as faltas dos transgressores: odeie a prevaricação, mas, isento de ira e de ódio, ame os próprios filhos sóbria e magnanimamente.

Esta maneira de proceder mostra aos outros, com a autoridade em governar, também a outra face do cargo de superior: referimo-nos à discricção, que é justa medida e equilibrio em tomar as deliberações e decisões, para que não se murmure inutilmente. Assim, os particulares, obedecendo modestamente, não só são ajudados a ultrapassar os limites apertados daquilo que

procuram como útil para si naquele momento, mas alargam-se a uma mais alta vista da salvação e da vida social, cooperando por dever de consciência e atingindo aquela liberdade interior, que é necessária, para cada um poder chegar à maturidade sua pessoal.

Estas coisas agora ditas do abade, que desempenha o cargo como sábio dispensador da casa de Deus [38], são o fundamento da paz completa. Paz que está em os irmãos se aceitarem benignamente entre si e se amarem muito uns aos outros, embora haja defeitos inevitáveis e seja completamente diverso o modo como se manifesta a pessoa de cada um.

Esta é a paz que deriva de cada um, humildemente e por dever de consciência, se obrigar com o laço de uma tal sociedade humana, em que a lei do Espírito domina a lei da matéria, onde se encontra instalada uma ordem justa, e onde todas as coisas estão dispostas convenientemente para a realização do Reino de Deus.

S. Bento veio este ano de algum modo visitar-nos de novo, mostrando os modos de conduzir a vida humana, que não fazem senão recordar de perto a doutrina do Evangelho. Isto não nos deve deixar sem curiosidade e descuidados. Especialmente os seus filhos, fiéis aos exemplos e às determinações do pai, são chamados a testemunhar tão excelsa e ao mesmo tempo tão certa e determinada forma de vida. Este testemunho moverá também os simples e os duros de coração, a cujo peito já não descem as palavras. Mas a renovação consequente fará que o mundo revista novo aspecto, mais espiritual, mais sincero e mais humano. Todavia, quem está em posse da autoridade, em qualquer sociedade e grau, é preciso que favoreça mais e mais, e declare o dom da paternidade, que é a única a conseguir congregar os homens com o vínculo fraterno. Porque estes edificarão na paz um mundo melhor e constituirão uma sociedade em que, orando e trabalhando, o homem se torne cooperador e interlocutor do Deus único.

É agradável também recordar, nesta ocasião, que S. Bento foi declarado por [Paulo VI](#), Nosso Predecessor de feliz memória, Patrono da Europa, a qual nasceu, depois da queda do império romano, daquele grande esforço em que participaram em notabilíssima parte ele e os monges, mantendo as instituições de vida. Esta silenciosa, constante e esclarecida obra desses monges fez que o património da cultura antiga se conservasse e fosse transmitido aos povos europeus e a todo o género humano. Assim "o espírito beneditino", [como solicitamente dissemos no 1º de Janeiro deste ano](#), "é totalmente contrário ao espírito de destruição" [39]; e este "pai da Europa" [40] exorta todos os interessados a que promovam activamente os bens que de facto alimentam e nobilitam os espíritos, e ao mesmo tempo a que afastem com todas as forças o que é destruição e subversão destes mesmos bens.

S. Bento como "mensageiro de paz" [41] dirige-se particularmente aos povos da Europa, empenhados salutarmente em conseguir a própria unidade. A convivência pacífica, que deve procurar-se com toda a energia, há-de fundar-se particularmente na justiça, na libertada verdadeira, na compreensão mútua, no auxílio fraterno — coisas estas que são totalmente

conformes à disciplina evangélica.

Proteja, pois, e favoreça o Santo os povos deste continente e todos os homens; e com a sua oração afaste as gravíssimas calamidades, que podem trazer armas perigosíssimas e sumamente mortíferas.

Estas ideias agitam o Nosso espírito, ao mesmo tempo que nos dirigimos, com o pensamento e a oração, a este excelso homem, romano e europeu, glória da Igreja.

A vós, por fim, dilectos filhos, e às famílias monásticas que se encontram, a vários títulos, sob a vossa jurisdição, com a melhor das vontades concedemos a Bênção Apostólica, como testemunho da Nossa paternal benevolência.

*Dada em Roma, junto de S. Pedro, no dia 11 do mês de Julho, na festa de S. Bento abade, no ano de 1980, segundo do Nosso Pontificado.*

---

## IOANNES PAULUS II

### Notas

[1] Conc. Ec. Vat. II, Decl. *Nostra aetate* sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs, 1. [2] Conc. Ec. Vat. II, Const. dogm. *Lumen gentium* sobre a Igreja, 46. [3] *Ibid.* [4] S. Gregório Magno, *Diálogos*, liv. II, *Prólogo*: PL 66, 126. [5] Cf. *Regra de S. Bento, Prólogo*, 1, 14. [6] *Regra de S. Bento*, 58, 8. [7] Cf. Mt 7, 14. [8] *Regra de S. Bento, Prólogo*, 45. [9] Cf. *Regra de S. Bento*, 4. [10] Cf. Alocução de 24.10.1964 no Mosteiro de Cassino: AAS 56 (1964), p. 987. [11] Cf. Carta Apost. de Paulo VI *Pacis nuntius*: AAS 56 (1964), p. 965. [12] Cf. *Regra de S. Bento, Prólogo*, 2

[13] *Regra de S. Bento*, 73, 9; cf. Conc. Ec. Vat. II, Const. dogm. *Lumen gentium* sobre a Igreja, 9; Decr. *Unitatis redintegratio* sobre o ecumenismo, 2.

[14] Cf. *Regra de S. Bento, Prólogo*, 48. [15] Cf. *Regra de S. Bento, Prólogo*, 20. [16] *Regra de S. Bento*, 7, 8. [17] Carta de Paulo VI a João Carmelo Card. Heenan, Arcebispo de Westminster: AAS 67 (1975), p. 474. [18] *Ibid.* [19] Cf. *Regra de S. Bento*, 4, 21; 72, 11. [20] Cf. *Regra de S. Bento*, 31, 10. [21] *Regra de S. Bento*, 63, 13; cf. *ibid.* 2, 2. [22] Cf. Aloc. de Paulo VI às Superiores Beneditinas, 29.9.1976: *Insegnamenti di Paolo VI*, XIV 1976, p. 771. [23] Cf. *Regra de S. Bento*, 20, 4. [24] Cf. *Regra de S. Bento, Prólogo*, 9. [25] *Regra de S. Bento*, 19, 7. [26] Cf. *Regra de S. Bento*, 4, 55; 4, 56; 43, 3. [27] Cf. Aloc. de Paulo VI aos monges beneditinos, 8.9.1971: AAS 63 (1971), p. 746. [28] Cf. *Regra de S. Bento*, 20, 3; 52, 4. [29] Carta enc. de Pio XII *Fulgens radiatur*: AAS 39 (1947), p. 154. [30] 1 Ped 4, 11. [31] Cf. Carta enc. de Pio XII *Fulgens radiatur*: AAS 39 (1947), p. 147. [32] Cf. Aloc. de Paulo VI às Superiores Beneditinas, 28.10.1966: AAS 58 (1966), p. 1160. [33] Cf. *Regra de S. Bento*, 3, 3. [34] *Regra de S. Bento*, 64, 10; cf. Tgo 2, 13. [35] Cf. *Regra de S. Bento*, 64, 14; 64, 8. [36] *Regra de S. Bento*, 27, 5, 8-9. [37] Cf. *Regra de S. Bento*, 2, 31. [38] Cf. *Regra de S. Bento*, 64, 5; 72, 3-8. [39] Cf. AAS 72 (1980), p. 65. [40] Carta Apost. de Paulo VI *Pacis nuntius*: AAS 56 (1964), p. 965. [41] Homilia de Pio XII, 18.9.1947; AAS 39 (1947), p. 455.

---

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana